
Estado de Sítio e os absurdos de uma burocracia levada ao extremo

Por Priscila Gontijo¹

Estado de sítio é um estado de exceção, instaurado como uma medida provisória de proteção do Estado, quando este está sob uma determinada ameaça, como uma guerra ou uma calamidade pública. Esta situação de exceção tem algumas semelhanças com o estado de emergência, porque também implica a suspensão do exercício dos direitos, liberdades e garantias.

A encenação de *Estado de Sítio*, de Albert Camus (1913-1960), da Cia Teatral Controvérsias, de Pindamonhangaba (SP), celebra seus 21 anos traçando uma dupla metáfora com a atual situação político-social vivenciada no Brasil e no mundo. O espetáculo apresentado no Teatro Municipal, sábado, 08 de Setembro, na programação do Festivale, revela que o mote da pesquisa do grupo no tema de “Fim de mundo” passa a ser uma representação alegórica do potencial destrutivo desencadeado pela realidade. Essa poética de resistência se apropria do texto de Camus para expressar o seu “manifesto” cênico.

Lançada originalmente em 1948, a peça se passa em uma pequena cidade litorânea, assolada pela peste e dominada pelo medo. Encenada pela primeira vez em 27 de outubro de 1948, pela Companhia Madeleine Renaud-Jean-Louis Barrault, no Théâtre Marigny, com direção de Simonne Volterra. A história contada na peça pode ser interpretada como uma dupla metáfora da Guerra Civil Espanhola, revelando toda a modernidade e contemporaneidade do pensamento de Camus.

Após os maus presságios pela passagem de um cometa, uma pequena cidade passa a ser governada pela Peste, que, usurpando o poder de uma líder inerte,

¹ Crítica do 33º Festivale. Pesquisadora, professora, dramaturga e escritora. É mestrandia em Literatura e Crítica Literária, onde desenvolve pesquisa na área do drama moderno e contemporâneo. É licenciada em Literatura Portuguesa e Francesa e atuou como artista orientadora em teatro do Programa Vocacional.

instaura o Estado de Sítio e cria um regime burocrático, esvaziado de sentido e dominado pelo medo. A vida dos cidadãos é submetida ao império da Peste e de sua Secretária, de modo que o sofrimento e o desespero se tornam banais. Para se libertarem da Peste será preciso resistir ao medo que se tem dela acreditando que, assim como a aparição do cometa, a situação instaurada é uma força histórica e passageira, e que o povo sempre detém o poder eterno.

Para Camus, o medo era o mal do século XX e, por isso, ele o utiliza como fio condutor desta obra, que, para muitos críticos, é uma alegoria da ocupação, da ditadura e do totalitarismo. Na verdade, *Estado de sítio* apresenta uma abordagem distinta da cidade à mercê da epidemia – cujo simbolismo político é reforçado através da personagem Peste. Há representação dos horrores da Segunda Grande Guerra, como a obrigatoriedade de se usar uma estrela negra na porta das casas das pessoas contaminadas, remetendo diretamente à estrela de David de uso exigido aos judeus e a menção à necessidade da concentração de prisioneiros.

A sensação de aprisionamento é enfatizada no espetáculo pela economia do cenário – que conta apenas com alguns praticáveis e uma escada – e pela iluminação baixa, deixando a cena quase sempre no escuro. O figurino, em sua paleta sóbria, adensa ainda mais a atmosfera conferindo ao espetáculo, uma característica *noir*. O elenco, formado de 18 pessoas, conta com a direção de Adbailson Cuba que também atua.

As personagens, presas em padrões sociais e preceitos morais, revelam o absurdo da existência em suas relações interpessoais e ao cederem em tornar-se prisioneiras. A Peste oficializa o encarceramento, mas já existem as condições necessárias para o totalitarismo se manifestar. O terreno está preparado e a condição de ignorância do povo ajuda a montar a estrutura de

¹ Crítica do 33º Festivale. Pesquisadora, professora, dramaturga e escritora. É mestranda em Literatura e Crítica Literária, onde desenvolve pesquisa na área do drama moderno e contemporâneo. É licenciada em Literatura Portuguesa e Francesa e atuou como artista orientadora em teatro do Programa Vocacional.

.....

poder. O povo tem medo de não ter medo. A segunda parte do espetáculo mostra os absurdos de uma burocracia levada ao extremo, criada para gerar o desentendimento entre as pessoas: por ser incompreendida – e temida – é que a nova ordem se mantém. Outra derivação do recrudescimento do autoritarismo, segundo quer mostrar-nos Camus, é o cultivo de leis e de formalidades. “No caso de dúvida, recorra-se a quem de direito”.

O fato do grupo teatral escolher um dos textos mais complexos de Camus para encenar é algo muito ousado e a encenação alcança a meta a que se propõe: debater os conflitos da crise política atual a partir do texto do dramaturgo e ensaísta francês e realizar a pesquisa continuada em grandes autores tendo como tema o “fim do mundo”. O problema é que, justamente por sua densidade dramática, o texto pede uma interpretação à altura, alcançada apenas na construção das personagens da Peste, de sua Secretária, da Governadora e do Nada – o niilista bêbado que passa para o lado do tirano. A carga melodramática dispendida em algumas interpretações desfaz a intensidade das cenas de conflitos familiares, como as da casa do juiz.

As inserções de dispositivos tecnológicos na encenação auxiliam no diálogo com o mundo contemporâneo criando novas camadas de leitura para o texto de Camus, se pensarmos, que longe de libertar, a tecnologia também pode ser instrumento de opressão e de exclusão social.

Do ponto de vista da construção, a mistura de diferentes formas de expressão dramática presentes no texto, do monólogo lírico ao teatro coletivo, incluindo a farsa e o coro, ganham dimensões metalinguísticas na encenação quando alguns personagens comentam procedimentos artísticos, como a pergunta do Prefeito, ainda no prólogo: “Isso é performance, né?”

Vemos no final, o espetáculo constituir-se de um bando desordenado de indivíduos voltados tão-somente para si mesmos, endurecidos em seu medo de

¹ Crítica do 33º Festivale. Pesquisadora, professora, dramaturga e escritora. É mestranda em Literatura e Crítica Literária, onde desenvolve pesquisa na área do drama moderno e contemporâneo. É licenciada em Literatura Portuguesa e Francesa e atuou como artista orientadora em teatro do Programa Vocacional.



33º FESTIVALE

FESTIVAL NACIONAL DE TEATRO

tal forma, que negam qualquer tipo de ajuda aos companheiros, o que nos faz refletir sobre o país e os dias atuais reconhecendo relevância à montagem da Cia Teatral Controvérsias.

¹ Crítica do 33º Festivale. Pesquisadora, professora, dramaturga e escritora. É mestranda em Literatura e Crítica Literária, onde desenvolve pesquisa na área do drama moderno e contemporâneo. É licenciada em Literatura Portuguesa e Francesa e atuou como artista orientadora em teatro do Programa Vocacional.